Público

6 de Dezembro de 2012

1943-2012 JOAQUIM BENITE, O CONSTRUTOR DE TEATRO

Opiniões de Jorge Silva Melo e Manuel Gusmão

Destaque, 2 a 5

A invenção de uma casa

Isabel Salema

"O novo teatro foi apenas uma casa maior." A afirmação é do arquitecto Manuel Graça Dias e relembra a construção em Almada do Teatro Azul, inaugurado em 2005, que materializou, simbolicamente, a ideia que Joaquim Benite tinha para o seu projecto teatral. "O edifício do novo Teatro de Almada é uma espécie de conclusão lógica de um trabalho de invenção de público que o Joaquim vinha a desenvolver há uma série de anos. Um trabalho para que o teatro existisse, um gosto pelo teatro", explica Graça Dias.

"[A presença de Joaquim Benite durante o desenvolvimento do projecto] foi muito constante e ajudou-nos muito a chegar ao resultado." Ele valorizava um teatro que parecesse um teatro. "Tinha a noção, que me agradava muito, que os espaços não devem ser neutros. Quis que o teatro tivesse uma sala à italiana e outra, mais neutra, experimental. Queria que a sala principal tivesse alma, quando as luzes estivessem acesas."

O projecto foi "supervisionado" pelo director técnico e cenógrafo Jean-Guy Lecat, que trabalhou durante muitos anos com o encenador Peter Brook. Lecat ajudou a definir coisas como a inclinação da plateia e o tamanho da boca de cena, mas Benite também se preocupou, conta o arquitecto, com a criação de um teatro versátil para os actores. "Encorajou que houvesse uma espacialidade que permitisse aos actores movimentarem-se sem o público se aperceber. Quis que a casa tivesse muitas possibilidades, que os actores pudessem aparecer numa janela... O teatro tem segredos e mistérios que podem ser utilizados ou não. Defendia, como os arquitectos, que o espaço não fosse unívoco, que não servisse só para uma única coisa."

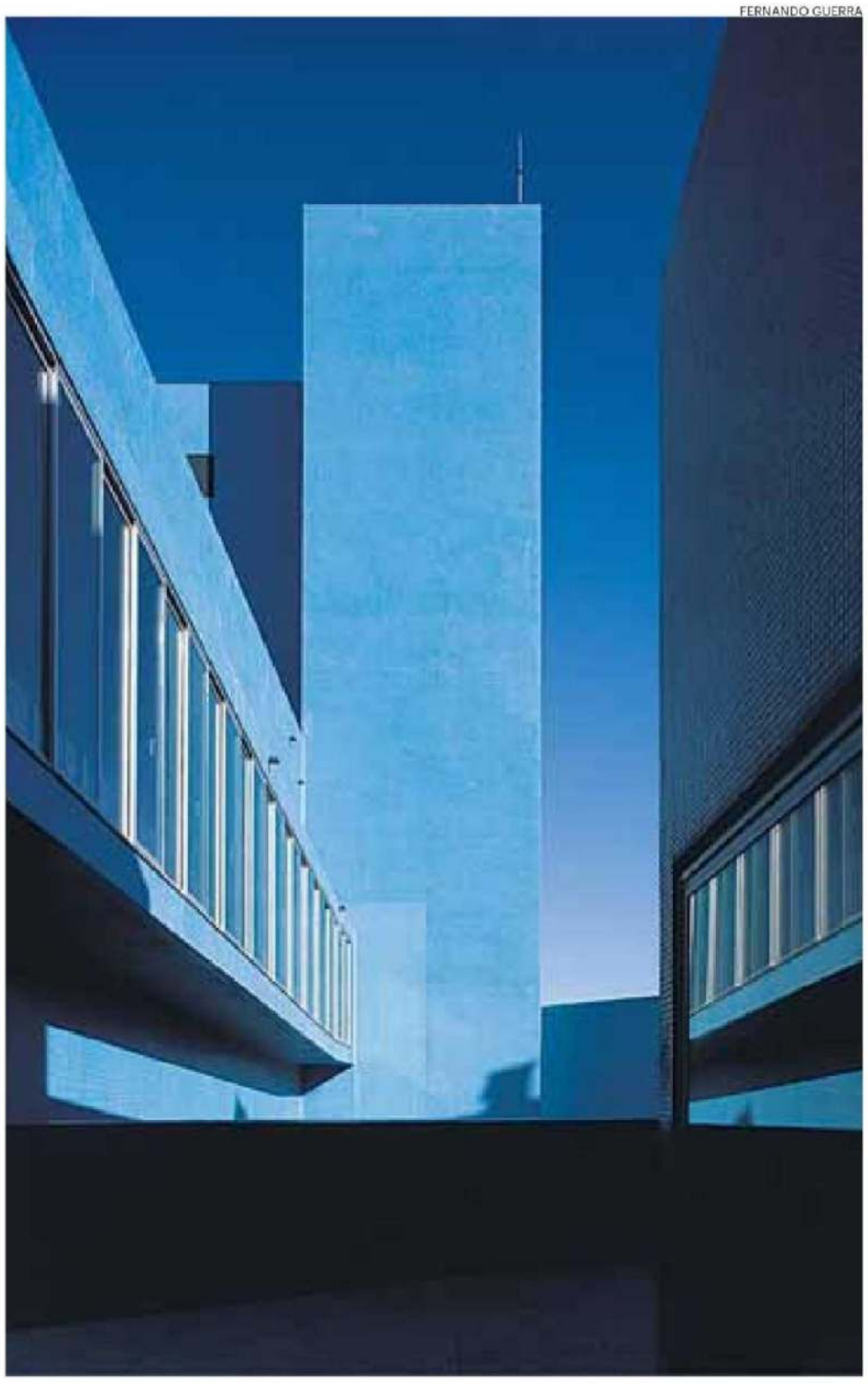
A "aventura" do teatro em Almada começou em 1978 com a instalação da companhia no concelho e a inauguração do Teatro Azul foi só um ponto de chegada, afirma Maria Emília de Sousa, presidente da Câmara Municipal de Almada. "A construção do grande teatro municipal nasce da necessidade de corresponder à grandiosidade deste projecto cultural construído ao longo dos anos. Nós não construímos um grande teatro e depois começámos a fazer cultura. Tive o privilégio de viver essa aventura desde o início."

Graça Dias lembra-se que a certa altura tiveram de pedir ajuda para o projecto ao Ministério da Cultura, quando perceberam que a dimensão do Teatro Azul ultrapassava a capacidade municipal. Manuel Maria Carrilho, que era o ministro na altura, diz que, apesar de o Teatro Azul não ter exactamente o perfil da rede de teatros que se queria criar (uma sala em cada capital de distrito), o ministério não hesitou em apoiar. "Quando havia boas ideias, encontrava-se sempre financiamento. Acho que era obrigação do Ministério da Cultura, havendo a companhia e estando o festival completamente consolidado, que trouxe criadores que de outra forma nunca teriam vindo."

O facto de ser o único festival de teatro que continua com a ambição com que foi criado diz muito sobre o projecto de Benite, sublinha Carrilho. "É o único que sobrevive com regularidade e qualidade no panorama internacional. Estes projectos vivem sempre da energia de alguém e da cumplicidade do poder central e local. Sem essa cumplicidade nada resiste e são coisas muito fáceis de desaparecer."

A presidente da câmara diz que Almada está comprometida com o futuro e que a cidade é a capital do teatro português. "O Joaquim construiu o futuro. Deixou condições para que o projecto prossiga."

FERNANDO GUERRA



"O edifício do novo Teatro de Almada é uma espécie de conclusão lógica de um trabalho de invenção de público que o Joaquim vinha a desenvolver há uma série de anos. Um trabalho para que o teatro existisse"

Manuel Graça Dias
arquitecto

Teatro e política

Opinião
Manuel Gusmão

Joaquim Benite começou como jornalista, antes de vir a dedicar-se inteiramente ao teatro. Jornalista e homem de teatro, antes do 25 de Abril, Benite tinha inevitavelmente que encontrar-se, no quadro de qualquer uma das duas profissões, com a questão da política. Em 1970, funda o Grupo de Teatro Amador de Campolide, com o qual se estreia como encenador de *O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer*, de Agustin Cuzzani. No ano seguinte, ganhou o Prémio da Crítica para o melhor espectáculo de teatro amador, com a peça *Aventuras do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, de António José da Silva. A escolha destas duas peças é significativa dos modos como entende o papel político do seu teatro. A escolha de uma peça do reportório internacional actual e, por outro lado, a escolha de um autor (o judeu), vítima no passado nacional de uma censura violenta, que por essa altura tinha sido escolhido num outro texto pela nascente Cornucópia.

Em 1977, o Grupo de Teatro de Campolide transforma-se em companhia profissional. Em 1978, a sua companhia instala-se em Almada, cidade de onde não mais sairia, e que transformou num dos principais focos teatrais do país, cuja realização máxima será porventura o Festival de Almada, criado em 1984. Em 1988, Joaquim Benite inaugura o primeiro Teatro Municipal dessa cidade, e em 2005 é finalmente concluído o projecto do novo teatro.

Joaquim Benite fazia parte daqueles que vêem no teatro a mais directa e a mais poderosa interpelação artística da ordem social das cidades. No teatro, o drama político seria sempre uma configuração do tempo contemporâneo, do tempo actual. Na tragédia grega antiga, em cena, o que se passava era frequentemente o cruzamento ou a sobreposição dos elementos do drama familiar e dos elementos que são o poder das cidades.

O conhecido requisitório de Platão na *República* contra os poetas trágicos era claramente o desenvolvimento de uma argumentação política, mesmo se aí pesavam também posições de carácter ontológico. Benite, como outros, retirava daí a possibilidade de argumentar politicamente com um texto, mesmo se alterado o juízo final sobre ele.

Benite compreendia que o político vinha da resposta a dar aos heróis gregos em crise

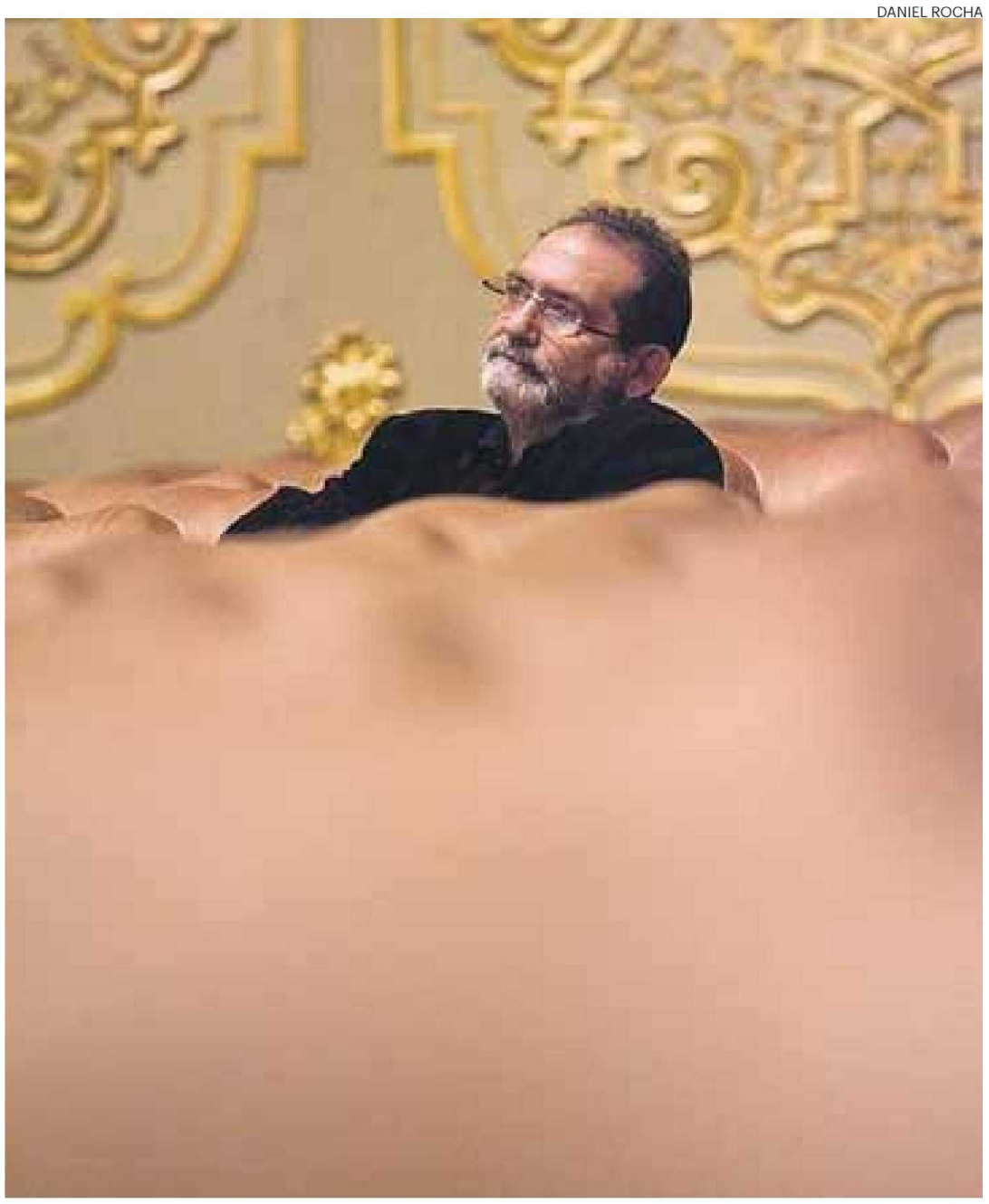
Benite compreendia também que o político vinha da resposta a dar aos heróis gregos em crise; ou interromper a crise que vem da identificação dos espectadores com os deuses e os heróis; ou separá-los em absoluto.

Como se passariam as coisas, se os heróis guerreiros não alcançassem qualquer tipo de identificação com as Fúrias ou as Erínias do teatro grego, porque elas se comportariam como forças alienadas de um teatro pertencente a um outro quadro religioso?

O carácter político da arte do teatro não era assim vivido e trabalhado como uma simplificação algo grosseira, mas como um fenómeno de complexificação, onde o tempo presente colocava as suas exigências.

Poeta e ensaísta

DANIEL ROCHA



Joaquim Benite na plateia do Teatro de São Carlos, em 2008

Para mim, e para uma enorme geração de pessoas como eu, o Joaquim Benite foi tudo

João Garcia Miguel
Actor e encenador

O director de teatro, o Joaquim

Crónica
Jorge Silva Melo

Era, sim senhor, era rezingão, intempestivo, rabugento, teimoso: como com todos os directores de teatro (e ele gostava de Mozart e de Thomas Bernhardt, que sobre esses empresários em extinção escreveram páginas verrinosas, tão cheias de humor e dor), era essa a consequência inevitável do seu enorme entusiasmo. Veio da crítica, como alguns de nós (ele, o Luís Miguel Cintra, eu) que, nos anos do marcelismo, não queríamos nada o teatro que andava a ser repetido até à mais incomensurável chatice e, pobrezitos, lá vínhamos altas horas do Monte Carlo (ao Saldanha) já de máquina em riste, atacávamos o que podíamos, tremendos, injustos até, apaixonados de certeza – até conseguirmos, ainda na Ditadura, formar família, casar (quem casa quer casa).

Sabia tudo menos inglês (são os cinco anos que nos separam aqueles em que se começaram a ouvir os Beatles e a esquecer Prévert – e até o Johnny Halliday, francês, assim se chamava), sabia tudo e gostava de teatro, gostava mesmo e de actrizes cabotinas como alguma castelhanas que admirara e trazia. E, caso raríssimo (não só entre nós), o Joaquim foi um vencedor. Em Campolide, no Trindade, depois em Almada (velha e agora nova) conseguiu falar ininterruptamente com uma comunidade que o ouvia, seguia, ripostava, admirava, temia, resmungava e voltava a amar, ai quem nos dera. Foi a sua obra-prima: os espectadores de Almada, as pessoas mais calorosas (e numerosas) do Teatro por cá, amigos dele e de quem os visitava, amigos. E, claro, o Festival.

A partir da histórica passagem do Miguel (Lobo Antunes) no CCB, Lisboa passou a ser Almada em Julho – permitindo assim conhecermos ora o Berliner, ora os Stan, o Piccolo, Veronese ou o Young Vic. E com aqueles espectadores atentos, tão atentos, novos, velhos, meus amigos. E o Benite, conseguiu, é um vencedor: franco, teimoso, obstinado, culto. E terno, rápido e terno, ferozmente terno, claro. Por muito amargurado, ofendido, preocupado com a mísera sorte de todos nós – ele, com quem partilhei o delicadíssimo prazer do jornalismo, da política e da má-lingua – conseguiu.

O Teatro Municipal de Almada, a sua excelente equipa (são meus amigos, vi-os crescer, cortar cabelo, engordar, encarecar), os seus maravilhosos espectadores, esse milagre de trabalho, ninguém os vencerá. "*Ritorna, vincitore!*", poder-se-ia cantar, ele deveria gostar de Verdi e do seu amplo gesto insurreccional. E eu não me esqueço que foi na sua sala (a velha) que, com um *cachet* de 1500 euros, fizemos, nós, os Artistas Unidos, a nossa primeira produção, *Prometeu-Rascunhos* (375 euros para cada actor, foi o que houve, era o que havia – e fizemos, homessa!)

E da última ceia que tivemos, com ele já muito doente, mas divertidíssimo, em Julho de 2011,